

THERE WILL BE BLOOD: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA EM MERIDIANO DE SANGUE, DE CORMAC MCCARTHY

THERE WILL BE BLOOD: AN ANALYSIS OF THE VIOLENCE IN CORMAC MCCARTHY'S BLOOD MERIDIAN

Mikael de Souza Frota¹

Universidade Federal do Amazonas

Lajosy Silva²

Universidade Federal do Amazonas

Resumo: Esta pesquisa analisa o romance *Meridiano de sangue* ou *O rubor crepuscular no Oeste* (1985), do escritor norte-americano Cormac McCarthy. O objetivo geral deste trabalho é analisar o tema da violência no chamado “processo civilizatório” de expansão da fronteira Oeste dos Estados Unidos, através da obra dele. Um estudo sobre a Fronteira e o Oeste Americano fazem-se necessários, pois esses conceitos possuem um significado bastante simbólico para o imaginário estadunidense. Com isso, analisaremos e confrontaremos os postulados teóricos conservadores sobre o Oeste com a sua nova história (*New Western History*). Reportando-nos ao romance, Cormac McCarthy apresenta a violência de um grupo de mercenários, na sua maioria anglo-saxônicos, contratados para fazer limpeza étnica na região de baliza entre Estados Unidos e México, conforme marchavam por aquele ponto cardeal no século XIX. Para conduzir essa discussão, considerarei postulados teóricos de Frederick Jackson Turner (2004) em visão conservadora sobre o Oeste Americano, como também farei uso de Patricia Nelson Limerick (1987; 1994) no que tange à nova história do Oeste.

Palavras-chave: Fronteira; Oeste Americano; Violência; McCarthy.

Abstract: This research examines Cormac McCarthy's novel *Blood Meridian, or The Twilight Flush in the West* (1985), by the American writer Cormac McCarthy. The general objective of this work is to analyze the theme of violence in the so-called “civilizing process” of expansion of the western border of the United States, through his work. A study of n the Frontier and the American West is necessary, as these concepts have a very symbolic meaning for the American imagination. With that, we will analyze and confront the conservative theoretical postulates about the West vis-à-vis the New Western History Referring to the novel, Cormac McCarthy presents the violence of a group of mercenaries, mostly Anglo-Saxons, hired to do ethnic cleansing in the border region between the United States and Mexico, as they marched through that cardinal point in the 19th century. To conduct this discussion, I will consider Frederick Jackson Turner's (2004) theoretical postulates in a conservative view of the American West, as well as Patricia Nelson Limerick (1987; 1994) with regard to the new history of the West.

Keywords: Frontier; American West; Violence; McCarthy.

¹ Professor graduado em Letras, com habilitação em Língua Inglesa (2016), pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE - LAUREATE). Mestre em Letras - Estudos Literários (2020), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Tem experiência na área de Letras - Literatura e Linguística, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas. Atua principalmente nos seguintes temas: conto e romance em língua inglesa, literatura anglófona, literatura infanto-juvenil, literatura western, teoria literária e narratológica: envolvendo descrição, espaço, foco narrativo e tipologia de narrador, distopias literárias, ecocrítica, fantástico e Oeste Americano. Email: mikael.frota@gmail.com

² Pesquisadora da Universidade Federal do Amazonas. Email: louis.silva1974@gmail.com.

Introdução

Cormac McCarthy é um escritor, dramaturgo e roteirista estadunidense, cujas contribuições para a literatura dos Estados Unidos renderam para o autor uma gama de prêmios e reconhecimento dentro do círculo literário do seu país. O estilo e a escrita de McCarthy são descritivos, haja vista que ele detalha em suas obras os espaços, as personagens e as ações através de uma linguagem vívida. A temática da violência nos romances do autor tem forte representatividade e está associada a outros elementos que também são encontráveis no seu acervo de livros publicados.

Nesse sentido, os traços da violência no universo literário de Cormac McCarthy são tecidos nas obras do autor e expressos por meio de um contexto histórico de guerras e de mortes. Em outras palavras, revela-se a decadência de um novo mundo rural e promissor, em decorrência das invasões e domínios históricos. Nesse ínterim, apresenta-se a democracia da violência durante o período de expansão territorial dos Estados Unidos, principalmente no século XIX.

Uma das observações disto é oriundo da decadência familiar derivada de um incesto e as consequências desse ato em um novo mundo guiado por um manifesto de divindade discriminatório. Assim, interpreta-se o *wilderness* como a terra sem lei e de juízes missionários, brancos, anglo-saxônicos e protestantes, cujos atos de violência e barbárie foram incontrolláveis no dito “*american progress*”.

Em suma, a degradação humana e social percebida por conta da violência causa a destruição dos povos. A extinção da raça humana, projetada na descrença e nas atrocidades capacitam-se e realizam um futuro sombrio e desesperançoso. Cormac McCarthy acentua o tom da violência em seus romances de forma explícita.

Por conseguinte, a curiosidade que McCarthy nutre sobre a fronteira e o Oeste Americano ajudou o autor a condenar e a desenterrar a violência e a depravação humana omitidas pela história oficial do seu país. Diferente de escritores clássicos dos romances de fronteira, que escreviam histórias revolucionárias de guerra com a figura de um herói mítico, cujas características e sonhos eram ainda europeizados, herói esse que venceria todas as obstáculos em prol do avanço e da organização social, são apresentadas em Cormac McCarthy, uma visão revisionista sobre a baliza territorial e as constantes invasões dos colonizadores e/ou dos cidadãos norte-americanos. O escritor também dá voz a personagens que foram renegados pela história oficial dos Estados Unidos, como índios, negros, latinos, mulheres etc. Para o autor, os romances de fronteira, em todo o

seu escopo histórico, são um meio de explorar o gosto humano pela violência, pela avareza, por autogratificação e a depravação.

Meridiano de sangue é a obra de Cormac McCarthy com o tom de violência e denuncia cultural, histórica, política e social mais explícito. Através dele, McCarthy expõe e reconstrói os eventos ocorridos no período pós-guerra entre Estados Unidos e México e período pós-tratado de Guadalupe Hidalgo, em que o México foi obrigado a ceder grande parte do seu território para os Estados Unidos no século XIX. No entanto, a crítica central dessa obra do autor e também desta pesquisa gira em torno do processo de domesticação da fronteira entre os dois países na época em que o romance está ambientado. Todavia, para o melhor entendimento do estudo a ser feito e da proposta a ser contemplada, faz-se necessário uma investigação sobre a fronteira e o Oeste Americano, desde o período clássico até o contemporâneo, para então abordarmos o tema da violência através do romance.

1. *Old West, old frontier*: a fronteira conservadora de Turner

A língua inglesa possui duas palavras que podem significar “fronteira”: *border* e *frontier*. Em consulta ao *Online Etymology Dictionary*, a palavra *border*, na história estadunidense, é definida como uma linha entre as regiões selvagens e povoadas do país. Ao consultar o mesmo dicionário online, a palavra *frontier*, em referência aos Estados Unidos, indica uma parte do país que está no limite das regiões colonizadas a partir de 1670. Ainda segundo o dicionário online, posteriormente foi aplicado à palavra *frontier* um significado específico que dialoga com a *Frontier Thesis* (Tese da Fronteira), de Frederick Jackson Turner, algo que será abordada neste capítulo.

Fronteira e Oeste são palavras que possuem um significado bastante simbólico para o imaginário dos Estados Unidos, principalmente na percepção histórica de um período fundamental para a expansão territorial do país, ou seja, o século XIX. Jean Morency (2007, p. 289), ao analisar o significado de *frontier*, observou que o termo tem um caráter evanescente, já que a história estadunidense está vinculada ao avanço progressivo dos colonizadores em direção ao Oeste, isto é, há equivalência de significado entre fronteira e Oeste na medida em que as palavras indicam o limite entre civilização (fronteira), como também sinalizam o início do mundo selvagem (Oeste). Assim, quanto mais se avançou, no século XIX, em direção ao Oeste Americano, mais a

fronteira foi sendo estendida, o que, teoricamente, significou que mais ainda o Oeste foi sendo “civilizado”.

O principal estudo clássico a respeito da fronteira Oeste dos Estados Unidos é o ensaio *O significado da fronteira na história americana*, de Frederick Jackson Turner. O historiador analisa nesse ensaio dados do censo estadunidense de 1890 referentes à diminuição da oferta de terras para os colonizadores. Dessa forma, o censo analisado por Turner, no início do seu estudo, proclama o fim da fronteira no mesmo ano. É a partir desses dados que o autor inicia sua argumentação sobre a fronteira:

Em um recente relatório do superintendente do Censo de 1890 se destacam as seguintes palavras significativas: Até o ano de 1880, inclusive, o país tinha uma fronteira de colonização, mas atualmente a área não ocupada foi tão fracionada em trechos isolados de colonização que dificilmente se pode falar da existência de uma linha de fronteira. A discussão, portanto, de sua extensão ou de seu movimento para Oeste etc, não pode mais ser levada em consideração nos relatórios do censo (TURNER, 2004, p. 23).

Essa é a *Tese da Fronteira*. Ela está localizada no meridiano 99 e representa uma linha imaginária, natural e não estática que separava as “terras livres” (Oeste) da área civilizada (Leste); em outras palavras, os selvagens dos civilizados. Em suma, a fronteira, na concepção de Turner, era um processo em constante desenvolvimento. Ela era também a melhor forma de “americanização”:

Todos os povos apresentam desenvolvimento. [...] No caso da maior parte das nações, entretanto, o desenvolvimento ocorreu em uma área limitada; e, se a nação se expandiu, encontrou outros povos em crescimento que foram conquistados. No caso dos Estados Unidos, porém, temos um fenômeno diferente. Limitando nossa atenção à costa atlântica, temos o fenômeno conhecido da evolução de instituições numa área limitada, como o despontar do governo representativo; a diferenciação de governos coloniais simples em organismos complexos; a progressão de uma sociedade industrial primitiva, sem divisão do trabalho, para uma civilização manufatureira. Acrescente-se a isso a recorrência do processo de evolução em cada área do oeste, alcançada no processo de expansão. Assim, o desenvolvimento americano apresentou não somente um avanço ao longo de uma só linha, mas um retorno a condições primitivas, num contínuo avanço da linha de fronteira, e um novo desenvolvimento para aquela área. O desenvolvimento social americano vem continuamente se reiniciando na fronteira. Esse constante renascimento, essa fluidez da vida americana, essa expansão rumo ao Oeste com suas novas oportunidades, seu contato permanente com a simplicidade da sociedade primitiva propiciam as forças que cunham o caráter americano (TURNER, 2004, p. 24).

A citação de Turner nos faz entender a fronteira como o renascimento contínuo dos Estados Unidos. Ela proporcionou o avanço consecutivo dos colonizadores e estendeu a civilização para o *wilderness*, isto é, a área de natureza selvagem, e se dirigiu para o cumprimento do destino em que a sua nação estava predestinada. A fronteira possibilitaria a repetição do processo evolutivo das sociedades, iniciado pelo

encontro do selvagem com o civilizado e culminando com o domínio e a instalação de um novo sistema político, já que, segundo ele, o Oeste era uma terra primitiva e precisaria ser conquistada e civilizada. Assim, a fronteira seria o “pico da crista de uma onda”, ou seja, “o ponto de contato entre o mundo selvagem e a civilização” (TURNER, 2004, p. 24).

Contraditoriamente, o nativo aparece na dita área de terra livre, bem como a natureza, considerada pelos colonizadores como selvagem na tese de Turner. Os índios, conforme os colonizadores e a “civilização” avançavam, foram dominados, violentados e tiveram suas terras invadidas e usurpadas.

Na tese de Turner, percebemos que o autor ameniza a ideia da violenta expansão da fronteira pelo Oeste da seguinte maneira:

Em suma, na fronteira, acima de tudo, o meio ambiente é duro demais para o homem. Ele tem que aceitar as condições que esse meio ambiente lhe oferece, ou perecer, e assim ele se ajusta às roças abertas dos índios e segue suas trilhas indígenas. Pouco a pouco ele transforma a terra remota e inóspita de *wilderness*, mas o resultado não é a velha Europa, não é simplesmente o desenvolvimento das raízes germânicas [...] O fato é que aqui há um novo produto, que é americano. [...] Deslocando-se em direção ao oeste, a fronteira foi tornando-se mais e mais americana. [...] Desse modo, o avanço da fronteira significou um movimento contínuo de afastamento da influência europeia, um permanente crescimento de independência com traços americanos (TURNER, 2004, p. 25-26).

Diante da citação nacionalista e progressista de Turner está omitida a violência com que os colonizadores seguiram a trilha dos indígenas e a relação topocídica que eles tiveram com a natureza considerada selvagem. Ele enfatiza a ideia de uma linha de fronteira imaginária que, conforme avançava em direção ao Oeste, perdia suas características europeias e se tornava uma nova sociedade em formação. Dessa forma, seguindo a concepção do teórico, a invasão em direção ao interior do país tinha essencialmente o espírito do novo homem dos Estados Unidos, porém os costumes desses grupos de europeus não foram completamente perdidos.

Seguindo com a interpretação de Turner sobre a fronteira, o autor indica-nos ainda que após a costa atlântica, barreiras naturais delimitavam o avanço em diferentes épocas:

A *fall line* marcou a fronteira do século XVII; os Alegânis, a do século XVIII; o Mississipi, a do primeiro quartel do século XIX; o Missouri, a de meados do século XX [...]; e o cinturão das montanhas rochosas e a região árida, a fronteira atual. *Cada qual foi conquistada numa série de guerras contra os índios* (TURNER, 2004, p. 30, grifos do autor).

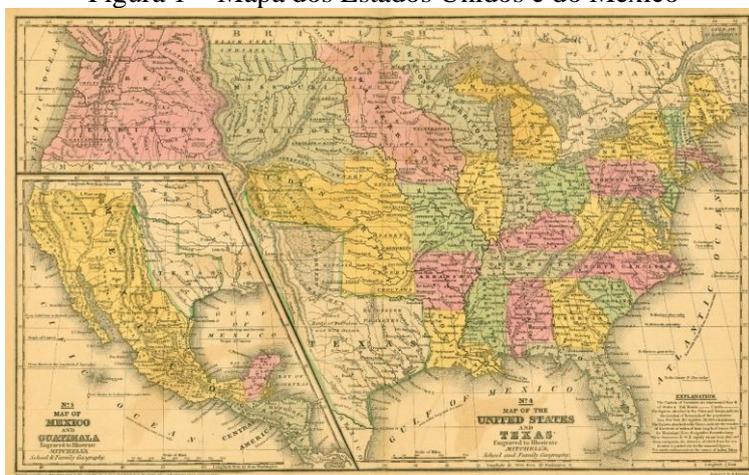
Sobre o último trecho destacado, reiteramos que não foi uma série de guerras, mas sim um projeto político que dava licença para matar os nativos. O Oeste, para Turner, estava se desenvolvendo e para que o progresso continuasse e a fronteira avançasse, a remoção indígena se fez necessária e este passou a ser o principal objetivo político do país. Em síntese, Turner enaltece a fronteira e os homens da fronteira; afinal, para o teórico, o domínio que eles exerciam sobre o *wilderness* e seus elementos era resultado do destino ao qual os norte-americanos estavam designados.

Frederick Jackson Turner prossegue sua análise do século XIX e destaca a Califórnia como não pertencente ao processo de fronteira pelo qual as outras áreas do território estadunidense passaram, ou seja, por conta da corrida do ouro e da ocupação da região pelos mexicanos anteriormente.

Em pesquisa realizada ao acervo digital da biblioteca da Universidade do Texas (*University of Texas Library*)³, encontramos o mapa dos Estados Unidos e parte do México acima datado entre os anos de 1839 até 1845. Esse é o espaço de tempo ao qual Turner se refere no início de sua análise da fronteira no século XIX. Nisto, representa-se também o período dos principais acontecimentos de *Meridiano de Sangue*.

Logo, no meio do mapa está localizado o meridiano 99, isto é, a linha imaginária da última fronteira estipulada por Turner e o ponto de encontro entre civilização (Leste) e *wilderness* (Oeste). O meridiano 99 também sugere o título da obra de Cormac McCarthy, uma vez que os personagens anglo-saxônicos partiram do Texas para invadir o território a sudoeste que ainda estava sob o poder dos mexicanos.

Figura 1 – Mapa dos Estados Unidos e do México



Fonte: Acervo digital da biblioteca da Universidade do Texas.

3 Mapas de diferentes períodos da história dos Estados Unidos e de outros países podem ser encontrados no seguinte website: <http://legacy.lib.utexas.edu/maps/historical/>.

Identificamos na fronteira de Turner a ambição capitalista dos colonizadores através das atividades econômicas que se expandiram pelos Estados Unidos, isto graças às políticas públicas do governo federal que tiveram o intuito de atrair mais pessoas para colonizar a região Oeste e dentro dessas atividades econômicas o historiador rotulou algumas fronteiras. Elas são: “fronteira do mercador, fronteira dos rancheiros, fronteira dos mineiros e fronteira dos lavradores” (TURNER, 2004, p. 33).

O Oeste oferecia animais (e também pessoas) para os caçadores e comerciantes, solos virgens e rios para os rancheiros e pradaria para os fazendeiros. Assim, a narrativa histórica de Frederick Jackson Turner, quando engloba a fronteira no século XIX, se apropria de personagens míticos e reconhece a mesma atitude mítica nos seus homens de baliza. Desse modo, o exemplo de representação mítica que o autor cita na sua tese é Daniel Boone e sua família.

No imaginário estadunidense, Daniel Boone era a principal representação do *self-made man* pelo fato de ter conseguido desbravar o *wilderness* e moldá-lo a sua necessidade, revelado por Turner assim:

Daniel Boone, o homem do interior da floresta, que combinava ocupações de caçador, mercador, vaqueiro, lavrador e mapeador – tomando conhecimento, provavelmente pelos mercadores, da fertilidade das terras do alto Yadkin, [...] atravessou a estrada do Grande Vale acompanhando a corrente. Tendo notícia, através de um mercador de caça, das ricas pastagens do Kentucky, desbravou pioneiramente o caminho daquela região para os lavradores. Dali, passou para a fronteira do Missouri. [...] ajudou a abrir caminho para a civilização, encontrando jazidas de sal, trilhas e terras (TURNER, 2004, p. 38-39).

Turner prossegue seu pensamento sobre o mito de Boone, afirmando que as futuras gerações progrediriam através da fronteira em direção a costa Oeste e “desbravando” territórios e “lutando” contra os nativos.

Prosseguindo com a tese de Turner, a primeira influência fundamentada pela fronteira foi de promover a “nacionalidade complexa do povo americano” (TURNER, 2004, p. 41). Em outras palavras, o historiador afirma que as hordas migratórias de diferentes nacionalidades europeias foram “americanizadas” na baliza. Uma segunda influência de Turner está relacionada a autossuficiência dos estadunidenses. Segundo ele, conforme a linha imaginária de povoação avançava em direção ao Oeste, menos os Estados Unidos se tornavam dependentes dos recursos enviados pela Inglaterra, pois esses recursos dificilmente chegariam ao extremo do país.

Ademais, uma terceira influência dessa fronteira é sobre a destinação das terras públicas a Oeste. Essa perspectiva foi responsável pela anexação do Texas aos Estados

Unidos, pois através dela o governo queria mostrar-se mais nacionalizado e unificado. A quarta influência da fronteira foi responsável pelo condicionamento das características econômicas e sociais que iam contra o localismo da costa Atlântica do país:

Nada funcionou mais em prol do nacionalismo do que o estabelecimento de relações no seio da nação. A mobilidade da população é a morte do localismo e a fronteira a oeste funcionou incansavelmente para desestabilizar a população. O resultado ricochetou na fronteira e afetou profundamente a costa atlântica e até mesmo o Velho Mundo (TURNER, 2004, p. 48).

Assim, observamos o surgimento dos Estados Unidos como uma nação imaginada e profetizada que surge no Oeste. Ele transforma os constantes e diferentes movimentos de fronteira como uma representação da construção da nação: “É um processo que constrói a nação sobre as bases europeias, mas as estende, as aperfeiçoa” (BORGES, 2015, p. 102).

A quinta e última influência da fronteira e expansão territorial estipulada por Frederick Jackson Turner é em relação à capacidade da baliza estadunidense em promover a democracia, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa:

O efeito mais importante da fronteira foi fomentar a democracia aqui e na Europa. Conforme já ficou indicado, a fronteira é geradora de individualismo. Essa região remota que constitui o *wilderness* impede a sociedade complexa para um tipo de organização primitiva baseada na família. A tendência é anti-social. Engendra a antipatia ao controle e particularmente a qualquer controle direto. O coletor de impostos é visto como um representante da opressão (TURNER, 2004, p. 48).

A democracia e a domesticação da fronteira, pensadas como surgimento da nação estadunidense, são baseadas no individualismo do homem que trabalha, brutaliza-se na fronteira, dominando o *wilderness* e regenerando a si mesmo e a sua nação. Dessa forma, o movimento de expansão dos limites do Oeste prosseguiu carregando “consigo o individualismo, a democracia e o nacionalismo, tendo repercutido poderosamente no Leste e no Velho Mundo” (TURNER, 2004, p. 52).

Turner, na conclusão da sua tese, tonifica a importância da fronteira para a criação e a definição da identidade estadunidense, assim caracterizando o espírito nacionalista do seu povo:

Das condições de vida na fronteira advieram traços intelectuais de profunda importância. [...] o intelecto americano deve à fronteira suas características notáveis. Essa aspereza e essa força, combinadas com a argúcia e a curiosidade; aquela flexibilidade mental prática e inventiva, ligeira para encontrar expedientes; essa compreensão magistral das coisas materiais, falha no artístico, mas poderosa na realização de grandes fins; essa energia incansável e agitada; esse individualismo

dominante, funcionando para o bem e para o mal; e além disso, esse balizamento e exuberância que vem com a liberdade – essas são as características que afloram em qualquer lugar por causa da existência da fronteira. [...] a América tem sido outro nome para a oportunidade e o povo dos Estados Unidos assumiu o seu caráter a partir da incessante expansão que não só tem sido aberto, mas que foi até mesmo imposta. [...] A movimentação tem sido seu fator dominante (TURNER, 2004, p. 53-54).

A relação de progresso contínuo da fronteira e do encontro entre mundo civilizado e selvagem e da domesticação do Oeste são relatados por Turner na tese, e está retratada no quadro *American Progress* (Progresso Americano), de John Gast. Faremos uma análise pictográfica do quadro de Gast em consonância com a narrativa do historiador e da história oficial dos Estados Unidos.

Figura 2 – *American Progress*, John Gast



Fonte: Acervo digital da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos⁴

Quase duas décadas antes do ensaio de Frederick Jackson Turner eclodir no meio acadêmico e depois ser tomado como história oficial dos Estados Unidos, em 1872, John Gast representava as ideias de progresso do colonizador em seu quadro.

Nesse ínterim, ao iniciarmos a análise, percebemos no centro da pintura a imagem de uma mulher com aspectos angelicais, “exemplificada na ideia de Columbia, a personificação feminina da nação estadunidense” (BORGES, 2015, p. 120). Para esta pesquisa, Columbia representa a fronteira em avanço ao Oeste de Turner. Nota-se que ela está no centro da pintura como o ponto de encontro entre o civilizado Leste e o selvagem Oeste. O contraste das cores também ajuda a ilustrar o avanço da luz no

⁴ O quadro de John Gast pode ser acessado através do seguinte website: <https://www.loc.gov/pictures/item/97507547/>.

desenvolvido e organizado Leste sobre a escuridão do Oeste, deixando a entender também que este último é o grande desconhecido.

Assim, o avanço da fronteira, conseqüentemente, leva ao conhecimento, à sabedoria e conecta os dois mundos em apenas um, representados no livro e no telégrafo segurados por Columbia. Desse modo, os búfalos, os cavalos selvagens, o urso e os nativos, juntamente com a natureza, são lançados para escuridão e retirados de seus habitats naturais conforme a progressão sugerida na pintura. Dessa maneira, povoa-se a fronteira e nisto encontramos claramente os elementos da tese de Turner: os quatro primeiros homens representam os mineradores, seguidos pelos caçadores de peles e comerciantes e; por último, os agricultores.

Em outras palavras, cada um desses grupos abre uma nova fronteira para o seu sucessor em alusão ao pensamento de Turner. Seguindo-a, observamos também as carroças dos colonos e o interesse dos passageiros nas terras a frente. Por fim, a tecnologia das ferrovias finalizando a domesticação e o progresso no século XIX.

A ideia e a visão romantizada do avanço da fronteira no período de invasão do Oeste não se restringiam apenas às artes plásticas. A literatura dos Estados Unidos seguiu essa tendência de exaltação da nação e contribuiu para a reiteração dos mitos e das figuras mitológicas que foram criadas na fronteira no final do século XIX, no início e até meados do século XX.

A revisão histórica e dos elementos que compõem os mitos propostos nesta pesquisa utilizará o romance *Meridiano de sangue* para desconstruir essa ideia de “americanização” e domesticação espacial propostas pela fronteira de Turner, bem como desconstruir o pensamento de herói mítico que caracterizou um tipo de desbravador que buscou um tipo de paraíso que estava perdido nas terras da América do Norte.

Cormac McCarthy, diferentemente de outros escritores da literatura estadunidense, mostra a essência do que foi a marcha progressiva para o Oeste ao denunciar os atos de barbárie e violência dos mercenários da *Glanton Gang* em *Meridiano de sangue*. Antes de iniciarmos a nossa análise da violência no romance, cabe fazer um estudo da revisão histórica da fronteira feita por Patricia Nelson Limerick.

2. *New frontier, new West: a fronteira revisionista de Limerick*

Problematizaremos, juntamente com Patricia Nelson Limerick, um período específico da história dos Estados Unidos, isto é, dos anos 30 aos 50 do século XIX em que se discutem os seguintes temas: leis federais contra os nativos; a aquisição dos extremos Oeste do México; o tratado feito entre Estados Unidos e o país vizinho ao sul quanto aos mexicanos que já viviam naquela área antes da guerra entre os dois países, isto quando ela ainda tivera eclodido; bem como o caráter excludente, imperialista e nacionalista da fronteira de Turner.

Começamos nosso estudo de revisão histórica pela última problematização do parágrafo anterior, a fronteira de Turner. Nas palavras de Limerick,

a fronteira tinha limites arbitrários que excluía mais do que continham. Turner era [...] etnocêntrico e nacionalista. Os homens brancos ingleses eram as estrelas da história dele; Índios, hispânicos, franco-canadenses e asiáticos eram, na melhor das hipóteses, coadjuvantes e, na pior, invisíveis. Quase tão invisíveis eram as mulheres de todas as etnias. Turner também estava preocupado principalmente com a colonização agrária e a democracia popular no meio-oeste (LIMERICK, 1987, p. 21)⁵.

A autora critica a centralização da fronteira de Turner no individualismo do homem branco e no processo de colonização focados na ideia de agrarismo e de democracia. Ela menciona que o historiador excluiu as minorias étnicas, bem como o meio ambiente e a forma como ele foi desenvolvido.

Limerick prossegue seu estudo revisionista sobre a fronteira tirando a ênfase dada aos processos de linhas não estáticas, ou seja, em constante avanço e pensando o Oeste como um lugar a ser analisado como uma área geral, bem como seus elementos. Ainda sobre a *Tese da Fronteira*, a teórica argumenta que

a fronteira de Turner foi um processo, não um lugar. Quando a “civilização” conquistou a “selvageria” em qualquer lugar, o processo seguiu em frente. Repensando a história do Oeste, nós ganhamos a liberdade de pensar no Oeste como um lugar [...] ocupado por nativos que consideravam sua terra natal como o centro, não o limite (LIMERICK, 1987, p. 26)⁶.

A citação acima nos informa que, sob a tese de Turner, o Oeste era uma área abandonada e selvagem, onde a civilização participante da linha de fronteira imaginária

5 The frontier has arbitrary limits that excluded more than they contained. Turner was [...] ethnocentric and nationalist. English-speaking white men were the stars of his story; Indians, Hispanics, French Canadian, and Asians were at best supporting actors and at worst invisible. Nearly as invisible were women, of all ethnics. Turner was also primarily concerned with agrarian settlement and folk democracy in the Midwest.

6 Turner’s frontier was a process, not a place. When “civilization” had conquered “savagery” at any one location, the process moved on. In rethinking the Western history, we gain the freedom to think of the West as a place [...] occupied by natives who considered their homelands to be the center, not the edge.

civilizaria e desenvolveria a “nova” terra. Se pensarmos o Oeste como lugar, e tendo em vista *Meridiano de sangue*, perceberemos que a área não era abandonada e que o pensamento de “selvageria” é muito subjetivo.

Assim sendo, os que consideravam a área selvagem eram os colonizadores que já tinham experienciado um tipo de sistema social considerado por eles civilizado. Esse é o propósito da fronteira de Turner, estender a civilização através dos processos da fronteira. O que questionamos, e mostraremos através do romance de McCarthy, são os meios utilizados por esses agentes da civilização para domesticar a área que eles consideravam abandonada e selvagem. Dessa maneira, o subjetivismo relacionado à selvageria é que, enquanto pensamos o Oeste como lugar, povos já habitavam a região antes da invasão dos colonizadores. Se povos de diferentes procedências já habitavam o lugar, entendemos que eles já tinham um tipo de organização social, o que os tornam civilizados se seguirmos essa linha de raciocínio sobre civilização.

Continuamos nosso estudo revisionista da fronteira acompanhando o raciocínio de Limerick relacionado ao Oeste como lugar. A região era um importante ponto de encontro entre as diversas etnias pertencentes ao local e as que chegaram posteriormente: “Felizmente ou não, minorias e majorias ocuparam um terreno comum” (LIMERICK, 1987, p. 27)⁷. Sobre a diversidade étnica no Oeste, a teórica pontua que

primeiro é preciso lembrar a diversidade de língua, cultura e economia. Antropologistas dividiram o *norte do Rio Grande* em pelo menos *doze regiões culturais*. [...] No *noroeste do Pacífico*, as *pessoas costeiras* se beneficiavam de uma abundância de alimentos do oceano; nas florestas do nordeste, *grupos* plantavam milho e abóbora, caçavam em temporadas [...] No *sudoeste*, *alguns dos povos* eram caçadores nômades, enquanto outros cultivavam e moravam em vilas [...] Nenhum desses modos de vida correspondiam ao modelo dos *índios das planícies* [...] a *Califórnia tinha representantes de todos os principais grupos de idiomas*. [...] Segundo, as *tribos* fizeram contatos com *euro-americanos* em diferentes épocas e sob diferentes circunstâncias. Alguns experimentaram um período prolongado de comércio e contatos pouco frequentes; outros repentinamente confrontaram um bando de colonos brancos. Algumas tribos foram repetidamente removidas, passando pelo que era essencialmente uma experiência de refugiado, forçadas a imigrar para o *território de outras tribos* (LIMERICK, 1987, p. 216, grifos do autor).

Destacamos as regiões e os variados elementos que habitavam o Oeste, que mantinham seus costumes e estilos de vida. Propositamente, a autora busca contradizer o termo “área de terra livre” utilizado por Turner para se referir ao lugar. Em outras

⁷ Happily or not, minorities and majorities occupied a common ground.

palavras, foram as fronteiras naturais e/ou imaginárias que excluíram os elementos e seus hábitos do Oeste.

Com efeito, reportando-nos à *Meridiano de sangue*, os mercenários de McCarthy transitam pelas regiões sudoeste entre o extremo oeste do Texas, o Rio Grande, Chihuahua, o sul do Novo México, o deserto de Sonora e a região sul do Arizona. Essas regiões estão ilustradas no mapa abaixo:

Figura 3: *American and Mexican*



Fonte: SEPICH, John. *Notes on Blood Meridian: revised and expanded edition*. Texas: University of Texas Press, 2008.

Tentemos observar o mapa sem os limites geográficos que separam os estados entre os dois países. Notaremos que as únicas divisões existentes são os rios, em destaque o *Rio Grande Del Norte* que atravessa as duas nações. O que queremos dizer, em concomitância com o estudo feito até aqui com Patricia Nelson Limerick, é que a paisagem no território Oeste não difere de um país para o outro na região de fronteira e o Oeste, enquanto lugar, é único, independentemente de estar nos Estados Unidos ou no México.

Patricia Nelson Limerick comenta sobre esses limites naturais após a guerra entre os dois países da seguinte maneira:

Vitoriosos na guerra Mexicano-Americana em 1848, os Estados Unidos tomaram metade do México. A divisão resultante não ratificou nenhum plano para a natureza. As fronteiras eram todas ecológicas; o nordeste do deserto mexicano se misturou ao sudoeste do deserto americano, sem prefigurações de nacionalismo. A única linha

que a natureza forneceu – o Rio Grande – foi um rio, que na verdade não dividia terrenos contínuos (LIMERICK, 1987, p. 222)⁸.

A abertura e as limitações dessas “fronteiras” regionais entre Estados Unidos e México contornaram e modelaram a região tal como a conhecemos hoje. A fronteira de Turner deixa as suas marcas no processo histórico de colonização ao posicionar duas nações em constante conflito que competiram pelo controle dos recursos naturais locais e pelas oportunidades de ascensão social.

Nesse contexto, o Oeste passa a ganhar um novo contexto de violência após a guerra. Os nativos tiveram suas terras invadidas novamente pelos colonizadores anglo-saxônicos no “novo” território adquirido e eram vistos como ameaças pelos governos estadunidense e mexicano, que passaram a adotar uma lei ilegal de escalpos indígenas na região. Assim, em uma tentativa forjada de controlar a violência, o governo dos Estados Unidos assina um tratado de paz (Tratado de Guadalupe Hidalgo) com o México assegurando-lhes proteção no território a extremo Oeste contra os nativos. De acordo com Limerick,

o tratado permitiu-os emigrar para o México ou ficar nos Estados Unidos, com seus direitos como cidadãos Americanos ostensivamente garantidos. [...] os Hispânicos tinham no Tratado de Guadalupe Hidalgo uma garantia escrita para manter suas reivindicações legítimas sobre a terra (1987, p. 235)⁹.

A partir de uma leitura de *Meridiano de sangue*, percebemos na história que o tratado foi violado pelos estadunidenses. Isto significa afirmar que os Mercenários eram contratados nas cidades da “nova fronteira” para proteger as cidades dos ataques nativos.

Em outras palavras, os governantes pagavam quantias altas pelos escalpos indígenas coletados. No entanto, o que estava acontecendo era uma matança generalizada de índios, mexicanos e outros grupos que transitavam pela região. Os anglo-saxônicos estavam tirando vantagem no comércio ilegal de escalpos, pois “não havia nenhuma outra maneira de distinguir entre o escalpo de um Apache e qualquer

8 Victorious in the Mexican-American war in 1848, the United States took half of Mexico. The resulting division did not ratify any plan of nature. The borderlands were ecological whole; northeastern Mexican desert blended into southwestern American desert with no prefiguring nationalism. The one line that nature did provide – the Rio Grande – was a river that ran through but did not really divide continuous terrain.

9 The treaty allowed them to emigrate to Mexico or to stay in the United States, with their rights as American citizens ostensibly guaranteed. [...] Hispanics had in the Treaty of Guadalupe Hidalgo a written guarantee of their rights to retain their legitimate land claims.

outro escalpo escuro; [...] Hispânicos e Índios [...] ficaram vulneráveis ao ataque de qualquer caçador de escalpo” (LIMERICK, 1987, p. 235)¹⁰.

O crítico John Sepich (2008, p. 5), em *Notes on Blood Meridian*, faz um estudo minucioso da historiografia contida no romance. Ao escrever sobre os *scalp hunters* (caçadores de escalpos), o crítico afirma que os conflitos existentes no sudoeste, entre os estados do Texas, Chihuahua, Novo México e Arizona entre 1849 e 1850, envolveram muitas pessoas, tais como: mexicanos, tropas do exército dos Estados Unidos, texanos e viajantes anglo-saxônicos na corrida do ouro. Esses grupos eram licenciados para fazer o trabalho ilegal em benefício dos governantes desses estados. O problema de identificação dos escalpos identificados por Limerick na história dos países é mencionado por Sepich ao analisar o contexto de *Meridiano de sangue* e dos mercenários da *Glanton Gang*, conforme a seguinte citação:

Chihuahua era habitada por mestiços, cujos cabelos eram semelhantes aos dos índios em cor e textura. Os cabelos dos Índios combatentes e agricultores pareciam mais ou menos os mesmos. Os escalpeladores de Glanton consideraram esse “problema” um benefício, enriquecendo seus cofres com o assassinato clandestino de cidadãos mexicanos até que [...] fossem descobertos pelas autoridades (SEPICH, 2008, p. 8)¹¹.

Claramente o tratado entre os dois países estava sendo quebrado e o principal problema para a marcha da “civilização” pelo Oeste era os nativos e outros povos pertencentes àquela região. É contradizendo essa farsa da história oficial dos Estados Unidos que abordaremos a temática da violência em *Meridiano de sangue*, sobre a “domesticação” da fronteira e do Oeste idealizados por Frederick Jackson Turner.

3. *The blood frontier: uma análise da violência em Meridiano de sangue*

O Oeste multiétnico era um problema para os planos imperialistas dos colonizadores anglo-saxônicos nos Estados Unidos. A imposição de suas crenças e culturas precisava ser determinada sobre os mexicanos, os nativos e qualquer outra raça que estivesse no caminho a ser seguido pela fronteira. Essas imposições oriundas dos saxões tiveram como principal resultado a matança de diversas etnias indígenas.

10 There was no certain way to distinguish an Apache scalp from any other dark-haired scalp; [...] Hispanics and Indians [...] were thus vulnerable to attack by scalp hunters.

11 Chihuahua was inhabited by mestizos, whose hair was similar to the Indians’ in color and texture. The hair of fighting and farming Indians looked about the same. Glanton’s scalpers found this “problem” of identification to be a boon, enriching their coffers with the surreptitious murder of Mexican citizens [...] were discovered by the authorities.

Sabemos que os mercenários da *Glanton Gang*, em *Meridiano de sangue*, realmente existiram e Cormac McCarthy reportou-se à principal fonte histórica sobre esse grupo para criar seus personagens, ou seja, no livro *My Confession, Recollections of a Rouge*, de Samuel E. Chamberlain. Assim, através do texto do crítico de John Sepich (2008) sobre *Meridiano de sangue*, conseguimos as seguintes informações a respeito da pesquisa feita por McCarthy e associada ao livro de Samuel Chamberlain.

Consoante às observações percebidas, McCarthy trouxe para o seu livro

o Reverendo Green, o Toadvine, o prisioneiro Grannyrat, Van Diemen, o Speyer, o kid como flibusteiro, o negócio de escalpo da gangue na cidade de Chihuahua, [...] uma esposa viva para Glanton, as histórias de Holden, [...] as histórias das lutas em Nacori e Jesús María, [...] as duas viagens para San Diego [...] e a pira funerária para os massacrados na balsa (SEPICH, 2008, p. 26)¹².

Todos os nomes listados acima (incluímos o de Glanton também) revelam-nos os lugares por onde essas personagens transitaram e são associados à violência. Dessa forma, iniciamos a nossa análise dessa temática no romance na voz da personagem Toadvine, que estivera preso em Chihuahua juntamente com kid. Nisto, ambos ingressam na *Glanton Gang*: “O nome dele é Glanton, disse Toadvine. Fez um contrato com Trias. Vão pagar a ele cem dólares a cabeça por escalpos e mil pela cabeça de Gómez. Disse a ele que somos três. Senhores, estamos de saída desse buraco de merda” (MCCARTHY, 2009, p. 88). Assim, a violenta domesticação da fronteira tem início no romance de McCarthy.

O grupo de mercenários liderado por Glanton, no romance, possui pessoas de diferentes nacionalidades e de raças. Além disso, as vestimentas e os comportamentos selvagens do grupo desconstroem a ideia de que eles eram os agentes da civilização e da paz pregados pela tese de Turner. Eles eram um bando de anglo-saxônicos que matam índios e mexicanos. Eis a descrição dos supostos representantes da civilização da nação estadunidense:

viram certo dia um bando de humanos de aspecto malévolo montados em pôneis índios desferrados cavalgando meio bêbados pelas ruas, barbudos, bárbaros, trajados em peles de animais costuradas com tendões e munidos de armas de todo gênero, revólveres de enorme peso e facas bowie do tamanho de claymores e rifles curtos de cano duplo com bocas em que dava para enfiar o polegar e o xairéis de seus cavalos

12 The Reverend Green, Toadvine, prisoner Grannyrat, Van Diemen, Speyer, the kid as a filibuster, the gang's scalp business in Chihuahua City, [...] a living with for Glanton, stories of Holden, [...] stories of fights at Nacori and Jesús María, [...] two trips to San Diego [...] and a funeral pyre for those massacred at the ferry.

feitos de pele humana e os jaezes de cabelo humano trançado e adornados com dentes humanos e os cavaleiros usando escapulários ou colares de orelhas humanas secas e enegrecidas e os cavalos de aspecto indócil e olhar bravo arreganhando os dentes como cães ferozes (MCCARTHY, 2009, p. 87).

Conforme a narrativa prossegue, juntamente com o avanço dos mercenários, o narrador expõe as fronteiras naturais que, supostamente, dividiriam os dois países e revelariam a violência praticada contra os povos nativos, a saber:

Cruzaram o leito pedregoso do rio Casas Grandes e cavalgaram ao longo de um terraço acima do arroio desolador passando por uma área coberta de ossos onde soldados mexicanos haviam massacrado um acampamento apache alguns anos antes, mulheres e seus filhos, os ossos e crânios espalhados pelo terraço por mais de meio quilômetro e os membros minúsculos e crânios de papel desdentados de bebês como a ossatura de pequenos macacos no local do morticínio e velhos restos de cestaria expostos à intempérie e potes quebrados de cascalho. Seguiram em frente. O rio estabelecia o curso de um corredor verde-claro de árvores descendo as montanhas estéreis. A oeste assomava a irregular Carcaj e ao norte os picos pálidos e azulados das Animas (MCCARTHY, 2009, p. 98).

O segundo escalpo retirado pelos membros da *Glanton Gang* no romance é realizado contra um índio apache que estava caçando com seu grupo em uma área desértica. A emboscada feita pelos mercenários resulta na morte de um velho apache, conforme descrição a seguir:

O homem morto tombara em um leito arenoso. Estava nu exceto pelas botas e pele e as folgadas calças mexicanas. [...] Glanton o virou de costas com sua bota. O rosto pintado surgiu [...] Dava para ver o buraco onde a bala do rifle de Toadvine penetrara acima da costela inferior. O cabelo do homem era comprido e negro e baço de poeira e nele andavam alguns piolhos. Havia faixas de tinta branca nas maçãs e asnas de tinta acima do nariz e desenhos em tinta vermelha escura sob os olhos e no queixo. Era velho e exibia um ferimento de lança cicatrizado logo acima do ilíaco e um antigo ferimento de sabre na face esquerda indo até o canto do olho. Esses ferimentos estavam adornados com imagens tatuadas em toda a extensão. [...] O juiz [...] agarrou as negras madeixas e ergueu-as da areia e tirou o escalpo (MCCARTHY, 2009, p. 119).

Percebemos, através da citação, que na segunda retirada de escalpo o narrador concentra a descrição no apache assassinado e em uma linha menciona que o juiz retira o escalpo. A atenção que queremos chamar para o trecho narrado é o escalpelamento e o homicídio cometido contra o nativo, isto por parte dos mercenários como forma de ilustrar a contraditória narrativa pacífica da fronteira de Frederick Jackson Turner.

Segue que a história do primeiro contato do padre Tobin com o Juiz Holden tem seu desfecho em um novo massacre dos apaches. Holden é descrito como um ser misterioso, de educação refinada, com conhecimentos diversificados, poliglota e

conhecedor do deserto. Pelo relato de Tobin, antes do juiz se juntar a gangue, os mercenários estavam perdidos no deserto e seguidos por centenas de apaches. Nisto, Holden os salva através do seu conhecimento geográfico e geológico, ao produzir munição com os recursos naturais disponíveis no deserto. Com todos munidos, o juiz

estava com as pistolas enfiadas no cinto atrás das costas e puxou cada uma com uma mão [...] e aí começou a matar índio. Não precisou pedir duas vezes. Deus, foi uma carnificina. Na primeira descarga matamos uma dúzia e não houve mais trégua. Antes que o último *pobre-diabo de um negroide* rolasse pro fundo da encosta já tinha cinquenta e oito deles massacrados no meio dos pedregulhos. Eles simplesmente escorregavam pela vertente como a limpadora numa canoura, uns virando desse lado, outros de outro, e se amontoando como uma cadeia humana na base da montanha. A gente apoiou os canos dos rifles no enxofre e derrubamos mais nove correndo na lava. *Era um tiro ao alvo, é o que era. Todo mundo apostava.* O último a ser atingido estava a uma boa fração de quilômetro das bocas das armas e correndo feito um condenado. Foi uma fuzilaria certa pra todo lado e nem um tiro perdido pela tropa com aquela pólvora esquisita (MCCARTHY, 2009, p. 143, grifos do autor).

O relato do massacre apache é feito por um padre, informado pelo narrador do romance como desertor e confirmado pela forma impiedosa e sem arrependimentos com que ele descreve o acontecido. Entendemos com a citação que, após o desespero pela falta de munição, os mercenários passaram a se divertir no abatimento dos nativos.

Nesse sentido, a invasão progressiva dos mercenários pelo deserto a sudoeste dos Estados Unidos e a noroeste do México apresenta mais “fronteiras” naturais. O narrador recorre a detalhes da paisagem para tentar determinar um possível limite de um lugar para o outro, conforme descrição a seguir:

Cavalgaram em meio aos raios do sol e *o capim alto* e no fim da tarde viram-se na beira de uma *escarpa que parecia assinalar o limite do mundo conhecido*. Abaixo deles sob a luz empalidecida esparramavam-se a nordeste as planícies abrasadas de San Augustin, a terra flutuando em uma prolongada curvatura silenciosa sob vultos distorcidos de fumaça. [...] Os cavalos percorriam o caminho ao longo da borda com cuidado e os cavaleiros lançavam olhares variados para aquela terra nua e antiga (MCCARTHY, 2009, p. 147, grifos do autor).

San Augustin era um “mundo desconhecido” para os mercenários. Os trechos destacados na descrição, claramente, dialogam com a fronteira separatista entre civilização e selvageria de Frederick Jackson Turner. Ao mesmo tempo, esse limite o contradiz e nos faz perceber um Oeste diversificado, ou seja, multiétnico.

Após atravessarem o deserto de San Augustin, os mercenários chegaram a um antigo vilarejo indígena habitado pelos anasazis. Ao terminar o relato sobre estes, o Juiz

Holden expõe o pensamento que possui sobre os homens que se destroem na tentativa de explicar os ataques de uma nação sobre a outra:

Se Deus tencionasse interferir na degenerescência da humanidade já não o teria feito a essa altura? Lobos separam as crias fracas, homem. A que outra criatura caberia? E acaso a raça humana não é ainda mais predatória? É da natureza do mundo vicejar e florir e morrer mas nos negócios do homem não há definhamento e o zênite de sua expressão sinaliza o começo da noite. Seu espírito está exausto no auge de sua realização. Seu meridiano é ao mesmo tempo seu escurecer e o acaso do seu dia. Ele ama o jogo? Pois que aposte tudo (MCCARTHY, 2009, p. 155-156).

Em outras palavras, Holden esclarece sobre a regeneração da vida através da violência. Isto é, perambulando pelo deserto, os mercenários encontram uma carnificina feita por outros colonizadores brancos contra viajantes que se deslocavam pela fronteira. Ressaltamos que na próxima citação, o narrador de forma inédita informa o leitor, em tom de denúncia, a barbaridade cometida pelos colonizadores:

Caminharam em silêncio entre os corpos dos *argonautas*, aqueles probos peregrinos sem nome entre as pedras com seus terríveis ferimentos, as vísceras esparramando-se por seus flancos e os troncos nus crivados de flechas. Alguns pela barba eram homens e contudo ostentavam entre as pernas estranhas chagas menstruais e não as partes masculinas pois estas haviam sido amputadas e pendiam escuras e estranhas de suas bocas sorridentes. Em suas perucas de sangue seco jaziam contemplando com olhos de macaco o irmão sol agora subindo a leste.

[...] O rastro dos assassinos seguia para oeste *mas eram homens brancos que atacavam viajantes naquela terra desolada e disfarçavam suas obras como se fossem dos selvagens* (MCCARTHY, 2009, p. 162-163, grifos do autor).

Os mercenários da *Glanton Gang* estavam perseguindo os apaches, por conta dos escalpos serem coletados, aqueles matavam também os mexicanos que cruzavam seu caminho. Avançando a fronteira da “civilização” rumo ao Oeste, os mercenários “em número de dezenove fazendo carga contra o acampamento onde dormiam mais de mil” (MCCARTHY, 2009, p. 165) apaches, destruíram o local e assassinaram todos os índios que não conseguiram escapar da emboscada:

Os mortos jaziam na água rasa como vítimas de algum desastre marítimo e estavam espalhados pelo refluxo salgado em um caos de sangue e entranhas. [...] Moviam-se entre os mortos *ceifando as longas melenas negras com suas facas e abandonando as vítimas de crânio ulcerado* e tão estranhas em suas sanguíneas coifas amnióticas. [...] Os homens vadeavam as águas vermelhas talhando os mortos a esmo e *alguns copulavam com os corpos ensanguentados de jovens mortas ou agonizantes na praia* (MCCARTHY, 2009, p. 167, grifos do autor).

Os mercenários, além de violentamente assassinarem os apaches, protagonizaram outro tipo de violência contra as jovens mortas ou aquelas que

estivessem beirando a morte. Elas foram violadas por esses homens. Claramente, conforme a narrativa de McCarthy prossegue, percebemos que os “agentes da paz” e a “americanização” da fronteira elevam o grau de violência. As cenas de barbárie praticadas pelos mercenários no acampamento apache prosseguem pelo deserto.

O tiro ecoou surdo e seco no vazio e a fumaça cinza flutuou para longe. O líder do grupo no ponto elevado montava em seu cavalo. Então vagarosamente pendeu para o lado e desabou. [...] Os índios içaram seu líder para uma nova montaria e cavalgando em duplas instigaram os cavalos e partiram outra vez. [...] Com o segundo tiro o pônei que levava o líder empinou e um cavaleiro a seu lado esticou o braço e segurou as rédeas. Tentavam tirar o líder do animal ferido em pleno galope quando o animal desabou. [...] O sangue borbulhava no peito do homem e ele revirou os olhos, já vítreos, os minúsculos vasos se rompendo. [...] Ele cavalgou de volta ao acampamento à testa de sua pequena coluna com a cabeça do chefe em seu cinto pendurada pelos cabelos. Os homens preparavam enfiadas de escalpos com tiras de látigo de couro e alguns dos mortos exibiam largas fatias de pele cortadas de suas costas para serem usadas na feitura de cintos e arreios. (MCCARTHY, 2009, p. 168-169).

A perseguição contra os apaches continua nessa primeira viagem no deserto do México e dos Estados Unidos feita pelos mercenários até o retorno deles para a cidade de Chihuahua.

Confrontaram-nos mais uma vez em Encinillas e confrontaram-nos nos desfiladeiros áridos que iam na direção de El Sauz e mais além nos contrafortes pouco elevados de onde já podiam avistar os pináculos das igrejas na cidade ao sul. No dia vinte e um de julho do ano de mil oitocentos e quarenta e nove entraram na cidade de Chihuahua para serem saudados como heróis, conduzindo os cavalos multicoloridos diante de si através da poeira das ruas em um pandemônio de dentes e de olhos esbranquiçados (MCCARTHY, 2009, p. 175).

A segunda viagem dos mercenários pelo deserto e pela fronteira, ainda sob mando do governo estrangeiro de Chihuahua, descreve o desespero dos caçadores por escalpos. No entanto, a denúncia nesse ponto da narrativa está relacionada à violência contra os vilarejos mexicanos e seus habitantes. O Oeste multiétnico estava sendo “civilizado” e “domesticado” por bárbaros sanguinários. O “progresso” que se estendia pelos Estados Unidos na proporção sudoeste do país mostrava-se apocalíptico. Nesse ínterim, a fronteira que se estendia atravessando o país carregava consigo as marcas da violência dos colonizadores e tonificou o vermelho crepuscular do horizonte a Oeste com o sangue de milhares de inocentes.

A fronteira é tema na discussão feita pelo narrador sobre os acontecimentos que estão por vir na narrativa:

Vagaram pela fronteira por semana à procura de algum sinal dos apaches. Prontos para o combate naquela planície moviam-se em constante elisão, *agentes autorizados do presente dividindo o mundo que encontravam e deixando o que havia sido e o que nunca mais seria igualmente extintos no solo atrás de si*. Cavaleiros espectrais, pálidos de pó, anônimos nas ameias do calor (MCCARTHY, 2009, p. 183, grifos do autor).

Entendemos o trecho destacado na citação da seguinte forma: os mercenários da *Glanton Gang*, no romance de McCarthy, são os “agentes da paz” responsáveis por dividirem as terras por onde passavam entre civilização e selvageria. Eles representam de forma alegórica a fronteira e as ideias nacionalistas de Frederick Jackson Turner.

Conforme avançam pelas terras do Oeste, os costumes antigos desse “mundo” são deixados para trás e essas práticas nunca mais existirão por aquela região. Os ditos “agentes da paz” estavam na área para certificarem-se de que as instituições antigas não mais voltariam a fazer parte do “novo” território.

Nesse contexto, os mercenários invadem a cidade de Nacori e presenciam o funeral de uma jovem mexicana. Eles, com aspectos ameaçador e intimidador, são atacados por um grupo de mexicanos. Aqueles reagem e o narrador centraliza a descrição da matança no Juiz Holden pela primeira vez na narrativa:

O juiz se virou no limiar e passou por cima dos diversos corpos caídos ali. [...] Os sobreviventes tentavam ganhar a luz do dia pela porta afora e o primeiro a chegar topou com o juiz [...] mas o juiz [...] ergueu o homem pela cabeça. Ele o encostou contra a parede e sorriu para ele mas o homem começara a sangrar pelos ouvidos e o sangue escorria por entre os dedos do juiz e sobre as suas mãos e quando o juiz o soltou havia alguma coisa errada com sua cabeça e ele deslizou para o chão e não voltou a se erguer (MCCARTHY, 2009, p. 190).

A discussão histórica abordada no tópico anterior, referente ao Tratado de Guadalupe Hidalgo, mencionou que os mexicanos teriam a segurança de transitar entre os Estados Unidos e o México de forma segura: “Não haviam matado em público em uma cidade daquele porte” (MCCARTHY, 2009, p. 191).

Assim, os mercenários atacavam as cidades pequenas, esquecidas no meio do deserto e de difícil acesso para coletarem os escalpos. Em suma, eles fingiam ser boas pessoas nas cidades mais populosas porque sabiam que a repercussão do que fizessem nesses lugares seria maior. A citação supracitada reforça o pensamento de Limerick quanto às violações constantes e sucessivas do tratado assinado entre os dois países por parte dos estadunidenses. Em outras palavras, a violência contra os mexicanos da fronteira se estende conforme eles encontravam cidades remotas. Novamente, os mexicanos “um a um foram trucidados e escalpelados” (MCCARTHY, 2009, p. 192).

Os mercenários foram expulsos de Chihuahua após o governo local descobrir que eles estavam pagando pelos escalpos dos seus conterrâneos. A fronteira da violência, tendo deixado sua herança em Chihuahua, avança para o Oeste. Dessa maneira, fecham um novo contrato, agora com o estado de Sonora. Novamente, os métodos de “domesticação” da *Glanton Gang* seriam usados no deserto.

A narrativa prossegue, e descreve os vários conflitos que a gangue tem no deserto contra os nativos e o exército mexicano. Diversas descrições do deserto e da natureza das cidades de fronteira são feitas pelo narrador. Acompanhamos as viagens dos mercenários em situações climáticas extremas de calor e de frio. Conhecemos o tipo de fauna e de flora da região desértica. Nas áreas mais remotas a extremo Oeste, o narrador descreve ainda a natureza virgem antes do contato do colonizador com ela.

O narrador, ao dar ênfase a narrativa em Glanton, nas muitas paradas e encontros esporádicos pelo deserto, começa-se a expor o pensamento de desterro do mercenário em relação aos mexicanos e às terras a sudoeste que um dia foram do México e dos nativos:

Eram de outra nação, aqueles cavaleiros, e toda aquela terra ao sul de onde haviam se originado e quaisquer região a leste para onde se dirigiam eram-lhe destituídas de significado e tanto o solo como qualquer viandante nele pisando remotos e de substancialidade discutível (MCCARTHY, 2009, p. 256).

Os mercenários do romance de McCarthy, em alusão aos homens de fronteira de Turner, estavam destituindo os mexicanos e os nativos de suas terras e, ao mesmo tempo, violando o tratado feito que dava a liberdade para os mexicanos transitarem pelos dois países.

Conforme abordamos na nossa análise da violência sobre a fronteira no romance de McCarthy, a “civilização” que se estendeu até chegar à costa da Califórnia levou consigo a brutalidade, o individualismo, o preconceito e a imposição de uma ideologia associada à destruição. A violência dos mercenários de McCarthy ultrapassou o egoísmo e o caráter nacionalista e imperialista da fronteira de Turner, e revelou ainda uma parte sensível da história dos Estados Unidos.

Considerações finais

O título do romance de Cormac McCarthy é a linha traçada da violência que está reunida ao avanço histórico implacável dos colonizadores. O meridiano de sangue se estende através da fronteira e sobre o *wilderness* de um continente onde povos de

diferentes etnias lutaram. No entanto, o meridiano de sangue dos colonizadores anglo-saxônicos possuía uma ideologia de supremacia racial e de destino predestinado. Nisto, seus agentes foram os responsáveis pela regeneração de tal pensamento conforme progrediram a linha traçada no meridiano 99.

Em síntese, os contratos firmados com os estados de Chihuahua e de Sonora na fronteira com o México, e ficcionalizados por Cormac McCarthy, foram ocasionados pelo fato de o governo federal dos Estados Unidos não conseguir “controlar” o movimento dos índios dentro do seu território. Então, a solução encontrada foi de exterminá-los, porém em terras estrangeiras para que algum tipo de culpa recaísse sobre o país vizinho ao sul.

Frederick Jackson Turner e sua “Tese da Fronteira” influenciaram o imaginário da sociedade estadunidense por muitos anos e conseguiu limitar o desenvolvimento artístico do país às propostas ideológicas contidas nos seus estudos. Patricia Nelson Limerick, ao organizar os estudos da *New Western History*, não apenas denuncia a farsa da tese de Turner, como também abre novas possibilidades de criações e pesquisas dentro dos estudos *westerns*.

Meridiano de sangue ou *O rubor crepuscular no Oeste* é, sem dúvida, uma obra rica no aspecto cultural, autêntica e atual no que concerne ao tema da violência. O fato da narrativa de Cormac McCarthy ter como seu principal espaço o deserto ao norte do México e a sudoeste dos Estados Unidos, indica não apenas a pluralidade de povos e de raças na região, mas também a riqueza cultural dos nativos e dos mexicanos.

Desse modo, observa-se que o romance revisionista de McCarthy aborda uma parte sensível dos pilares fundadores da construção da democracia dos Estados Unidos, ocultada pela historiografia oficial do país para fins imperialistas e políticos. Assim, *Meridiano de sangue*, além de refletir a violenta progressão para o Oeste estadunidense, desdobra sua relevância contra a violência moral e intelectual que vem sendo praticada no Brasil.

Referências

BORGES, Rafael. *Como o Oeste se perdeu: representação e modernidade no Novo Western (1969-2012)*. Tese (Doutorado). Goiânia: UFG, 2015. p. 48-353.

LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest. The Unbroken Past of the American West*. New York: W. W. Norton & Company, 1987.

MCCARTHY, Cormac. *Meridiano de Sangue ou O Rubor Crepuscular no Oeste*. Tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009.

MORENCY, Jean. Frontier. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Rio Grande do Sul: Tomo Editorial; Editora UFRGS, 2007. p. 289-295.

ONLINE ETHIMOLOGY DICTIONARY. Disponível em https://www.etymonline.com/search?q=border&ref=searchbar_searchhint. Acesso em 10 de Julho de 2019.

ONLINE ETHIMOLOGY DICTIONARY. Disponível em https://www.etymonline.com/search?q=frontier&ref=searchbar_searchhint. Acesso em 10 de Julho de 2019.

SEPICH, John. *Notes on Blood Meridian: revised and expanded edition*. Texas: University of Texas Press, 2008.

TURNER, Frederick Jackson. O significado da fronteira na história Americana. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Oeste Americano; quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niteroi: EdUFF, 2004, p. 23-54.